

A criação e implantação do 25º batalhão de caçadores do exército brasileiro em Teresina:

civismo, sociabilidades e memória 1917-1934.

Johny Santana de Araújo¹

Resumo: O presente artigo narra a criação e o desenvolvimento do 25º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro na cidade de Teresina, estado do Piauí em 1918. Descrevem-se os antecedentes, as ações e alguns dos principais personagens presentes na fundação do batalhão, o percurso histórico do mesmo funde-se com a própria história nacional e representa um certo protagonismo entre um estado signatário da república federativa com os principais desenlaces da história nacional, a sua atuação foi sendo materializada no período subsequente ao fim da Primeira Guerra Mundial.

Palavras Chave: Piauí; Batalhão; Exército Brasileiro; Civismo.

This article narrates the creation and development of the 25th Brazilian Army Hunters Battalion in the city of Teresina, State of Piauí in 1918. It describes the history, actions and some of the main characters present in the foundation of the battalion, its historical course merges with the national history itself and represents a certain protagonism between a signatory state of the federative republic and the main outcomes of history, its performance was materialized in the period after the end of the World War I.

Keywords: Piauí; Battalion; Brazilian Army; Civility.

The creation and implementation of the 25th brazilian army hunters battalion in Teresina: civility, sociability and memory 1917 - 1922.

1. AS REFORMAS DO EXÉRCITO BRASILEIRO EM 1917

Na virada do século XIX para o XX, era bastante crítica a situação das Forças Armadas Brasileiras, os vários movimentos políticos e a progressiva influência intelectual na formação dos Militares do Exército os havia tornado menos profissionais. (DORATIOTO, 2000) Diante desse dilema, o presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves, ao assumir o governo, em 1902, preocupou-se com o futuro da segurança do País, que, naquele momento, ainda discutia questões territoriais importantes com a Argentina, e brevemente discutiria

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense UFF. Professor do Departamento de História DH e do Programa de Pós-graduação em História do Brasil PPGHB da Universidade Federal do Piauí UFPI. Desenvolve pesquisas com ênfase em História do Brasil. Atuando principalmente nos seguintes temas: Formação do Estado Nação, História Militar, Forças Armadas do Século XIX ao XXI, História Política e História das Relações Internacionais. E-mail: johnysant@gmail.com

também com a Bolívia e Peru. A questão basilar dessas contendas girava em torno da segurança e, portanto, a reforma das forças armadas seria questão de urgência. (McCANN, 2007).

Rodrigues Alves contaria então com um competente ministro, chamado José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco; este havia assumido a pasta das Relações Exteriores, e como chanceler levantou a questão de reequipamento das Forças Armadas Brasileiras, tanto o Exército quanto a Marinha (ALSINA JÚNIOR, 2015).

O amplo programa de reestruturação das forças armadas incluía também a construção de novos quartéis; as amplas reformas duraram praticamente toda a primeira década do século XX. Havia forte interesse pela doutrina militar alemã, tendo inclusive vários oficiais visitado a Alemanha e tomado parte como observadores em muitas manobras do Exército Imperial Alemão a convite do Kaiser alemão Guilherme II (BASTOS FILHO, 1994); (LEIRNER, 1995).

A partir de uma sugestão do Barão do Rio Branco, foram enviados, em 1906, cerca de cinco oficiais, que serviram arregimentados, no Exército alemão, durante o período de dois anos, ou seja, até 1908. Além da turma enviada em 1906, foram enviadas outras duas turmas em 1908 e 1910, respectivamente. (MALAN, 1988).

Contudo, quando a guerra iniciou na Europa o governo brasileiro tratou de manter uma política de distanciamento em relação ao conflito. Ocorreu o afastamento da Alemanha, e uma das primeiras providências foi o estabelecimento de cinco decretos de neutralidade todos de 1914.² Foram fixadas regras de não alinhamento que o País pretendia manter em relação às questões de ajuda militar aos países que estivessem lutando.³

Em fins de 1917, o governo brasileiro declarou guerra aos impérios centrais; por conta dos afundamentos de navios brasileiros no Atlântico, alguns, perto da costa europeia, diante do imenso desafio de se reestruturar, houve uma súbita mudança nos padrões militares, e após a conferência interaliada daquele ano, que tratava da participação efetiva do País no conflito, foi decidido, como parte dos acordos assinados, a expedição de uma força naval, para

² Decretos de Neutralidade n. 11.038 de 4 de agosto de 1914, em relação a França, Rússia; Grã-Bretanha x Alemanha; Decreto de n.º 11.066 de 12 de agosto de 1914. Em relação a Áustria-Hungria x Alemanha; Decreto de n. 10.092 de 24 de agosto de 1914. Em relação ao Japão x Alemanha; Decreto de n. 11.118 de 3 de setembro de 1914. Em relação à Grã-Bretanha x Áustria-Hungria; Decreto de n. 11.353 de 11 de novembro de 1914. Em relação à Grã-Bretanha x Turquia. (MARTINS, 1997, p. 259).

³ O Decreto de número 11.037 de 4 de agosto de 1914 em grande parte dos seus vinte e sete artigos referia-se à questão da circulação de navios desses países pelo litoral brasileiro. Outros dois decretos ainda foram estabelecidos; o de número 11.093 de 24/08/1914 e o de número 11.141 de 09/09/1914 que tratavam, respectivamente, sobre mercadorias apreendidas e ao uso de radiotelegrafia. Ver: (MARTINS, 1997, p. 259).

patrulhar o Atlântico Norte, e o envio de um grupo de aviadores da marinha para treinar junto a Royal Air Force.⁴

Foram enviados um corpo médico, para assumir um hospital de campanha em Paris, e um corpo de oficiais observadores, estes seriam os primeiros componentes da missão brasileira nos campos de batalha da França; um deles, o capitão José Pessoa, seria o fundador da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

Em 1919 foi realizado a contratação de uma missão militar da França afim de adequar o Exército Brasileiro as novas tendências da guerra terrestre. Por duas décadas, oficiais franceses se fizeram presentes no ensino e nas reformas organizacionais que remodelaram o Exército Brasileiro; as primeiras providências começaram a ser tomadas, com a ampliação de quartéis e criação de novas unidades. Com a chegada do General Maurice Gustave Gamelin, em 1919, chefe da primeira missão francesa ao Brasil, vários quartéis no Norte e Nordeste do Brasil já haviam passado por profundas reformas, incluindo a criação de novos batalhões e de novos quartéis como o 25º Batalhão de Caçadores em Teresina.

2. A CRIAÇÃO DE UM BATALHÃO EM 1918 E A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO QUARTEL EM 1920

A ideia de se criar um batalhão completamente novo em Teresina foi noticiado por um cronista do Jornal o Piauí, segundo este, a proposta já havia sido cogitada em um encontro do Gen. Caetano de Farias com o Governador do Piauí, Miguel de Paiva Rosa, ocorrido no Rio de Janeiro. (DIÁRIO DO PIAUÍ, 1914, p. 2). A proposta acabou se materializando.

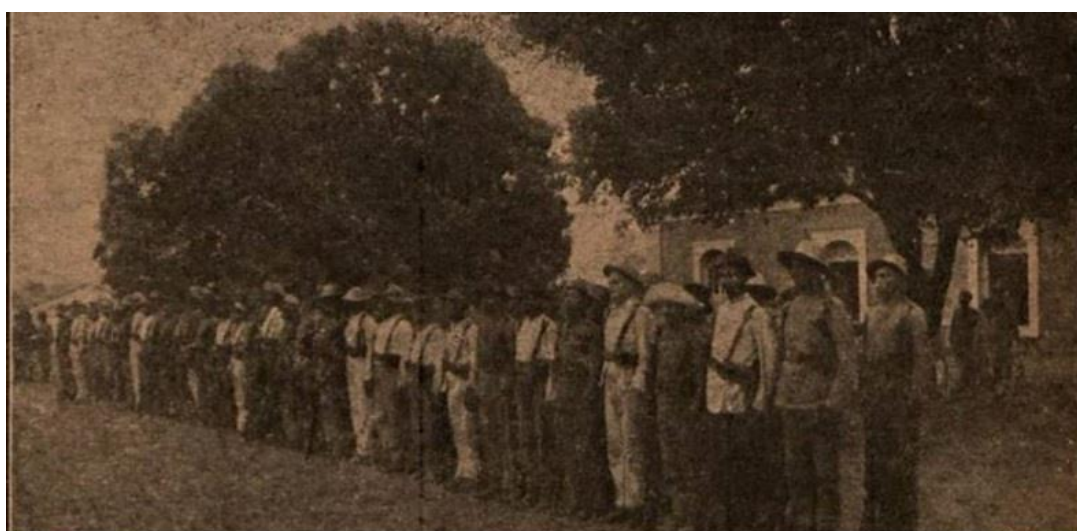
Dessa forma, o Ministro dos Negócios da Guerra o General Caetano de Farias, em relatório de 1916, indicou que a quantidade de forças do Exército como um todo era insuficiente, e que o Estado do Piauí possuía um pequeno destacamento, fazendo-se necessário ser dado ao Estado um batalhão de caçadores ou uma companhia de metralhadoras. (MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS DA GUERRA, 1916. p. 8).

A situação política, em alguns Estados, carecia do movimento de muitas tropas para garantir a presença federal; dentre as providências daquele ano, incluía ainda o aumento imediato de efetivo do Exército, pois, segundo o General Caetano de Farias, fazia-se imprescindível a ampliação do contingente em pelo menos 25.000 homens. (MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS DA GUERRA, 1916. p. 8).

⁴ Sobre a evolução do Conflito para o Brasil, ver (ARAUJO, 2012); (DAROZ, 2016); (VINHOSA, 1990)

O 25º Batalhão de Caçadores nasceu originalmente como 44º Batalhão de Caçadores,⁵ e, no relatório do Ministério dos Negócios da Guerra de 1917, aponta a data da disposição e distribuição das “unidades do Exército pelas regiões militares e pelos Estados”, incluindo o 44º Batalhão, que seria criado no Piauí, por meio de um aviso emitido em 17 de novembro de 1917. (MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS DA GUERRA, 1917).

O batalhão foi oficialmente implantado em 2 de janeiro de 1918, com o efetivo de três companhias de Infantaria. O núcleo original do batalhão provinha do 48º Batalhão de Caçadores de São Luís do Maranhão e se instalou na cidade de Teresina naquele dia.



1ª Incorporação de soldados ao 44º BC em 1918 (Fonte: Site Teresina meu amor)

Um Capitão chamado Domingos Monteiro ficou incumbido de sua organização. Em 1918, todo o batalhão estava sob o comando do Tenente-Coronel Pedro Idelfonso Carneiro, e, em 1919, foi sucedido pelo Major Manuel de Sousa Costa. (CASTELO BRANCO FILHO, 1984. p. 37).

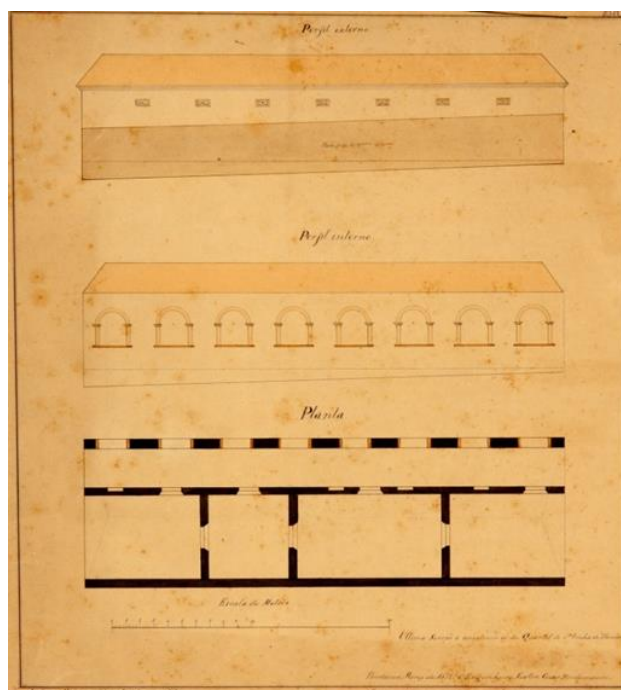
Em 11 de dezembro de 1919, por meio de decreto, o 44º Batalhão de Caçadores teve a sua denominação alterada. (BRASIL, Decreto 13.916 de 11/12/1919: Coleção de Leis do Brasil de 31/12/1919). E em dois de janeiro de 1920, o batalhão recebeu oficialmente a numeração de 25º, passando a ter a denominação de 25º Batalhão de Caçadores, “[...]”

⁵ Caçador é um tipo de combatente de infantaria ligeira, ou cavalaria existente em exércitos de vários países da atualidade, suas origens remontam desde o século XVII, particularmente nos estados alemães. Sobre a evolução da infantaria de caçadores no Brasil durante o século XIX, ver: (BARROSO, 1922), sobre a evolução desse modelo de combatente na Europa, ver: ROSS, Steven T., **From Flintlock to Rifle: Infantry Tactics, 1740-1866**, Abingdon: Taylor & Francis, 1996.

passando a ter três companhias de Infantaria e uma de metralhadoras”. (CASTELO BRANCO FILHO, 1984, p. 37).

Essa disposição organizacional foi fruto das orientações preconizadas pela Missão Militar Francesa, resultado do processo de renovação que o Exército passava naquele momento. Ao iniciar o governo do presidente Epitácio Pessoa, assumiu o Ministério da Guerra João Pandiá Calógeras, que antes mesmo havia trabalhado em um importante relatório, baseado nas conclusões preliminares sobre os resultados promissores da Missão Francesa que iria ser contratada a fim de modernizar o Exército.⁶

O envio da missão de observadores aos campos de batalha europeus em 1918 e o seu posterior retorno traria ao Exército um ar de renovação. Essa renovação, para além do equipamento novo e a introdução de um novo padrão de procedimento se refletiria na construção e reagrupamento de forças que adotaram inclusive novas nomenclaturas; assim sob os auspícios dessa renovação foi mandado construir o novo Quartel do 25º BC em Teresina, semelhante aos quartéis do sul do Brasil. (CASTELO BRANCO FILHO, 1984, p. 37).



Planta da lateral do antigo quartel do 25º BC (Fonte: AHEx/EB)

A decisão pela construção de um prédio novo havia sido informada pelo então ministro dos negócios da Guerra em 1920, e refletia a questão da modernização estrutural das organizações militares:

⁶ Ver: (CALOGERAS, 1938).

O quartel de Therezina, que aloja o 25º batalhão, é de construção antiga, sem condições de hygiene e capacidade suficiente para accomodar o effectivo do corpo. Sobre este quartel foram tomadas as medidas necessárias, tendo já a directoria de engenharia elaborado o orçamento de um novo quartel, segundo instruções e projectos organizados. (RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS DA GUERRA, 1921. p. 191).

Para tanto, sob administração do intendente municipal, Antônio da Costa Araújo, que era oficial engenheiro do Exército, a Prefeitura de Teresina doou, para construção do Quartel, a área que atualmente ocupa de 200m x 230m. Assim ficou determinada a sua localização, “[...] com frente para a Praça Marechal Floriano Peixoto, e situada entre as ruas Eliseu Martins e Desembargador Freitas, pela testada principal, e as ruas Desembargador Pires de Castro e 19 de novembro lateralmente”. (RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS DA GUERRA, 1921. p. 37).

Para a construção do novo Quartel do Batalhão foi contratada uma firma chamada Ferraz & Cia. Sua edificação foi iniciada em 1922 (RELATÓRIO MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA GUERRA.,1922, p. 88). As obras foram fiscalizadas pelo Capitão Engenheiro José Faustino dos Santos e Silva. A execução das atividades ficou a cargo de um jovem engenheiro civil, chamado Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, o Ministro dos Negócios da Guerra Pandiá Carógelas acreditava que as obras estariam concluídas em dezembro de 1922 (RELATÓRIO MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA GUERRA.,1922, p. 6). Mas acabaram sendo concluídas no segundo semestre de 1925.

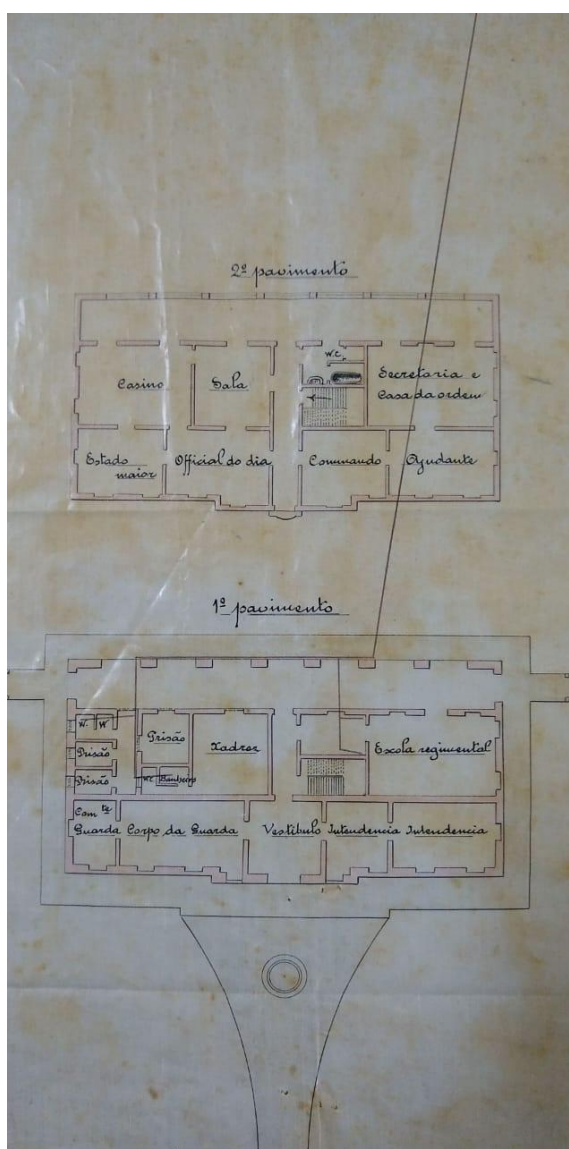
Ribeiro Gonçalves adotou na obra do 25º Batalhão de Caçadores uma perspectiva “ecclética”, estabelecendo relações “claras com as características próprias das fortificações” (MOREIRA, 2016, p. 184-185). ou seja, buscou executar uma obra que, de fato, se identificasse com a sua função. Essa observação é importante visto que ele havia sido responsável pela construção de vários outros prédios públicos, na cidade de Teresina, e a maioria deles não guardou semelhança entre si, mas o engenheiro Luiz Mendes os identificou as suas funções originais.⁷

O engenheiro Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves empregou elementos decorativos, a partir dos quais buscou construir uma edificação com aparência pesada e sólida. Diante desse exemplo, observa-se que Ribeiro Gonçalves buscou uma, forma e tipologia que se associassem à função da edificação. Sendo assim, o prédio foi pensado para ser constituído por seis blocos possuindo:

⁷ O palácio de Karnac, sede do Governo do Estado do Piauí, e o Clube dos Diários são exemplos de obras executadas por Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves. Ver: (MOREIRA, 2016).

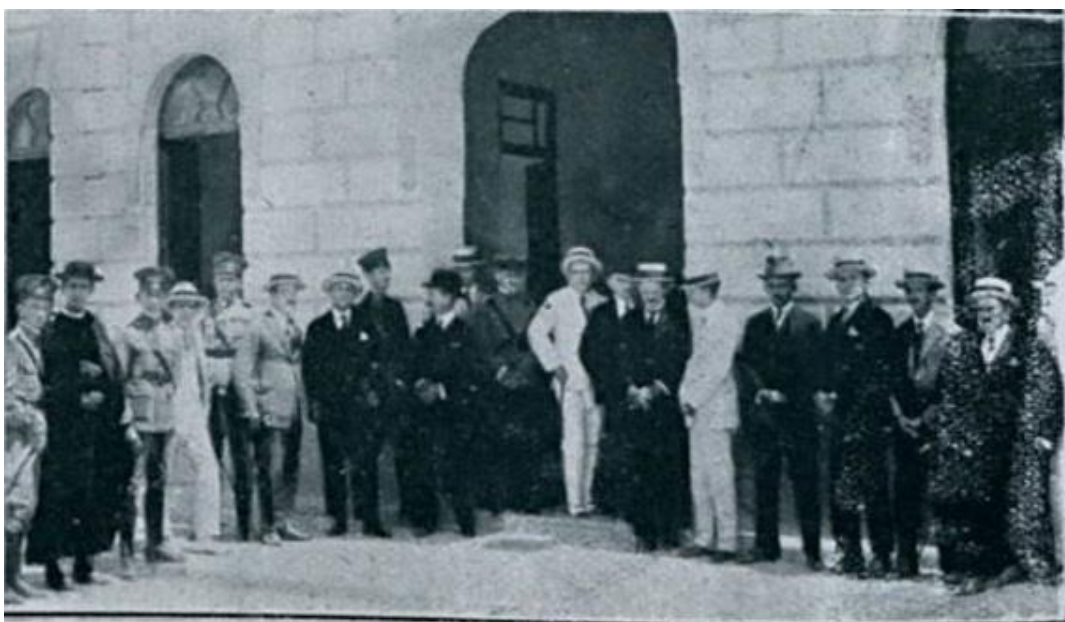
[...] na cobertura de cinco destes grandes telhados aparentes de quatro águas, coroados por agulhas, sendo apenas o telhado do módulo central ocultado por uma platibanda dentilhada, remetendo aos antigos fortes e castelos, e decorada com os símbolos do batalhão. Arrematando a cobertura, cimalha com bossagens. Complementando as características de tal edificação, todos os blocos têm na totalidade de sua extensão a decoração com frisos, e, no tocante às aberturas, as janelas do segundo pavimento são todas retangulares, de abrir, em madeira, com persianas na metade inferior e almofadas em vidro na metade superior. As janelas do pavimento térreo possuem bandeiras em vidro em forma de arco, e, assim como as anteriores, persianas na metade inferior e almofadas em vidro na metade superior. (MOREIRA, 2016, p. 185-186).

Com essa concepção eclética os prédios do quartel foram construídos. Levou sete anos para ter suas obras plenamente concluídas; o castelo de águas também foi projetado e edificado pelo engenheiro Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves.



Detalhe da planta baixa do 25º BC pavilhão administrativo e de comando (Fonte: AHEx/EB)

Na medida em que as dependências do quartel do 25º BC, eram concluídos, gradativamente iam sendo entregues, tanto que em 15 de dezembro de 1923, o pavilhão central do prédio do Quartel foi recebido pelo comandante em uma cerimônia que contou com a presença do então governador João Luís Ferreira e outras autoridades. O evento foi destaque na Revista *O Malho*, do Rio de Janeiro, em uma matéria especial chamada de: “O malho na capital do Piauí”, ressaltando que a obra havia sido fiscalizada pelo engenheiro militar capitão José Faustino da Silva. (O MALHO, 1923, p. 30).



No dia da entrega do edifício, vê-se ao centro: Governador do Estado, João Luís Ferreira e autoridades militares (Fonte: Revista: *O Malho*, 1923, BN).

Todo o contingente do 25º Batalhão de Caçadores instalou-se definitivamente nos novos prédios, em 18 de dezembro de 1925, o batalhão estava então sob o comando do Coronel Gustavo Augusto Frederico Beuttmüller. (CASTELO BRANCO FILHO, 1984, p. 37).

Os arrabaldes da cidade serviam as forças do 25º BC de diversas formas, dentre os quais, a atual Zona Leste da cidade, especificamente a área compreendida pelos bairros Jockey Clube e Bairro de Fátima serviam de campo de instrução.



O pavilhão central do Quartel do 25º Batalhão de Caçadores (Fonte: Revista: *O Malho*, 1923, BN).

Assim como a localidade da Catarina, que era uma granja onde se cultivava o pasto necessário à alimentação dos muare e cavalos argolados em serviço no Quartel. (Disponível em: http://www.raimundofloriano.com.br/views/Comentar_Post/na-caserna-no-25-batalhao-de-cacadores-gPfQtICNbdm0xrm0PzdA. Acesso em: 8 dez. 2017.)

O entorno da área do Quartel era extremamente desabitado, pois segundo uma conhecida comerciante do Bairro Mafuá próximo ao batalhão, chamada Maria Ambrósio da Silva, em entrevista ao Historiador Bernardo Sá, afirmou, “o mato naquela Avenida Miguel Rosa ia até o Quartel do 25ºBC, de um lado e de outro”. (SILVA, Maria Ambrósio da. Entrevista concedida em 23 de julho de 1999 apud SÁ FILHO, 2006. p. 82).



O 25º BC durante a sua construção em agosto de 1922 (Fonte: Revista: *A Renascença*, setembro de 1922. APEP)

Nos primeiros anos de estabelecimento do 25º BC, houve sempre um revezamento no comando, ao tempo em que as novas dependências eram construídas. Em 1920, o Comandante da unidade era o Coronel Antônio Constantino Nery; em 1921, o Tenente-Coronel Epaminondas Tebano Barreto; em 1922, o Tenente-Coronel Artur Feliciano Pinheiro da Silva; em 1923/1924, o Tenente-Coronel Praxedes Teófilo da Silva Júnior; em 1925, o Coronel Gustavo Augusto Frederico Beutmüller. Nos primeiros meses de existência houve períodos de ausência de titulares a frente do 25º BC, nessa ocasião o Batalhão era comandado alternadamente pelo Capitão Domingos Monteiro e pelo Capitão Benedito Passos de Carvalho. (CASTELO BRANCO FILHO, 1984, p. 38)

Anos antes, após a transferência da capital de Oeiras para Teresina em 1852, junto com a nova sede do governo, veio o Batalhão de Infantaria de 1ª Linha do Exército Imperial, que ficou alojado numa casa oferecida pelo mestre de obras João Isidoro França, na atual Praça Deodoro, tradicionalmente conhecida como Praça da Bandeira. (Disponível em: <http://acervoatitofilho1.blogspot.com.br/2010/12/ex%C3%A9rcito.html>. Acesso em: 10 dez. 2017).



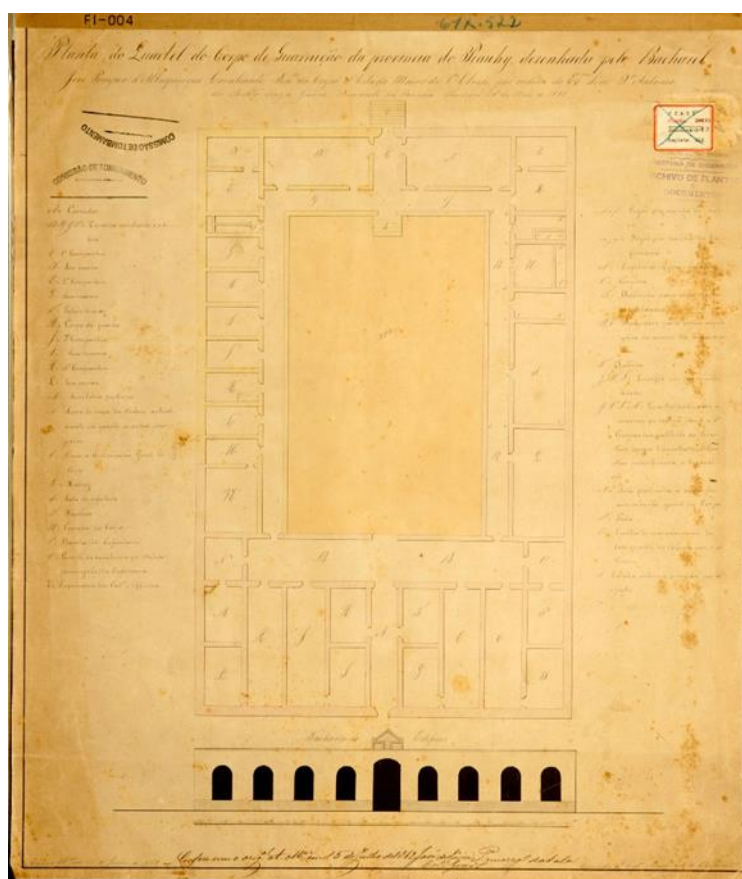
O estado maior do 25º BC em 1922 o Capitão Benedito Passos de Carvalho é o primeiro a esquerda (Fonte: Revista: *A Renascença*, setembro de 1922. APEP)

O antigo Quartel do Exército, em Teresina, foi sendo passado da Praça da Bandeira para os barracões de palha que se localizavam no campo de Marte, onde atualmente se acha o Ginásio esportivo do Verdão. Só em 1855 se concluiu o Quartel antigo no campo de Marte.

Em 1865, a tropa da guarnição de linha partiu para a campanha do Paraguai; no fim da guerra, em 1871, a cidade de Teresina mantinha apenas uma Companhia de 1ª Linha.⁸

Até 1950, o Quartel velho abrigou a Enfermaria-Hospital e a Farmácia Regimental do 25º BC e a 18.8 Circunscrição de Recrutamento Militar, hoje 26ª CSM (Circunscrição do Serviço Militar). Naquele ano de 1950, o prédio foi demolido porque já não oferecia qualquer estabilidade. (CASTELO BRANCO FILHO, 1984, p. 38).

De 1923 a 1931 foi Chefe da Enfermaria o 1º Tenente Médico Dr. Raul Barata; e da Farmácia, de 1920 a 1932, o 1º Tenente Farmacêutico Zoroastro Melo. A oficialidade do 44º BC e depois do 25º BC, até 1925, foi sempre muito reduzida, mas sempre contava com oficiais muitos competentes, alguns piauienses de nascimento.



Planta baixa e da fachada do antigo quartel do 25º BC (Fonte: AHEx/EB)

Durante o movimento político de 1924, ocorrido em São Paulo, um contingente do 25º BC, composto por 380 praças e sargentos, seguiu para aquele Estado. Permaneceram no Quartel a Banda de Música um diminuto contingente e poucos oficiais. O envio de parte do

⁸ Sobre a participação do batalhão do Exército sediado no Piauí na Guerra do Paraguai, ver: (ARAÚJO, 2015).

Batalhão a São Paulo era apenas o início de várias participações do Batalhão em vários eventos importantes da história política nacional.

3. O 25º BC E ÀS SOCIABILIDADES EM TERESINA NA DÉCADA DE 1930: Os eventos cívicos, a banda de música e o esporte.

A presença do Quartel do 25º BC ajudou na construção das sociabilidades na cidade de Teresina, no dia a dia, nos finais de semana e durante as festas cívicas. Em grande medida, essa contribuição fortaleceu a convivência das pessoas em torno de uma coexistência, traduzida em diversas ações, direcionadas pelo próprio Exército.

Dentre as diversas formas de interação e compartilhamento, ocorreram, no início da década de 1920, e eram personificadas através dos flertes entre os militares e as jovens da cidade, que, segundo Elizangela Barbosa, aconteciam quando os cadetes, da Escola Militar, em férias na cidade de Teresina, apresentavam-se ao 25º Batalhão de Caçadores; e, para se exercitarem, realizavam longas cavalgadas pelas ruas. Por vezes, exibiam-se às jovens que tinham o hábito de sentar-se nas calçadas, ao fim da tarde; momento apropriado ao flerte (BARBOSA, 2010, p. 108).

Com frequência, os casais se encontravam na praça, ao som das amplificadoras que tocavam músicas para os casais que frequentavam aquele espaço. E nos fins de semana as retretas da Polícia e do Exército animavam a vida na Praça Pedro II. Em meio a essas e outras construções simbólicas, o 25º Batalhão de Caçadores também construiu uma memória, ao tempo em que se inseriu na própria memória da cidade durante as comemorações dos 100 anos de fundação da capital Teresina em 1952, festividades essas que marcariam a vida dos teresinenses ao longo dos anos.

Sobre a questão da memória vale lembrar que esta se envolve com outra dimensão muito cara a compreensão da História, a monumentalidade da instituição representada pelo quartel do 25º BC, essa relação nos lembra Le Goff (1984) ao deixar claro a importância de cada um deles, pois “Os materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador”(LE GOFF, 1990, p.535).

Assim é possível perceber os significados do quartel, enquanto um documento para a construção de uma narrativa histórica, e como a sua relação com a cidade e com o espaço que

ocupa transcende o aspecto físico do lugar em que foi erigido e representa a memória das pessoas da cidade de Teresina.

De acordo com Le Goff, pode se entender que, “[...] uma montagem consciente ou inconsciente, da história, da época, das sociedades que o produziram [...] também são frutos do [...] esforço para as sociedades históricas [poderem] impor ao futuro [...] determinada imagem de si próprias [...]” (LE GOFF, 1984, p.103).

Dessa forma o quartel enquanto “[...] monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos.” (LE GOFF, 1990, p.536).

A imagem do quartel do 25º BC parece congelada no tempo, mas perpetua-se na memória dos teresinenses, principalmente pelas festas cívicas e pelas comemorações de seus aniversários, ao longo dos anos.

No decorrer dos anos 1930, o Batalhão passou a comemorar mais intensamente os seus aniversários de fundação, eram os primeiros anos contados em década, assim, quando se deu seu aniversário de dezoito anos de criação, foi organizada uma grande festa em comemoração. Nesta ocasião, segundo o Historiador José de Arimateia, foi oferecido um “[...] novo estandarte para o batalhão [que] foi adquirido através da Comissão Organizadora de donativos, composta por mulheres da sociedade piauiense”. (AGUIAR JUNIOR, 2014, p. 121-122).

Igualmente em fins de 1937, o 25º BC, sob o comando do Coronel Hugo de Alencar Matos, junto aos demais oficiais do Batalhão, preparou uma grande festividade para o vigésimo aniversário do batalhão tendo sido realizado no dia 2 de janeiro de 1938. “Os convites para as cerimônias cívicas foram distribuídos para a sociedade teresinense e para a imprensa oficial, chamadas a comparecer à sede do 25º BC”. (AGUIAR JUNIOR, 2014, p. 121-122).

Foi uma grande comemoração que, segundo Arimateia, tinha uma programação de dois momentos, sendo “[...] executada na parte da manhã em frente ao Quartel, e contava com a apresentação da bandeira aos recrutas, inauguração do estádio do 25º BC, apresentação de todos os atletas em formatura no campo puxados pela Banda de Música do Quartel (AGUIAR JUNIOR, 2014, p. 121-122).

E, à tarde, aconteceu uma partida de futebol entre os times do 25º BC e o Flamengo Futebol Clube no recém-inaugurado Estádio do Quartel, com entrega de uma taça ao time

vencedor. O encerramento do dia festivo aconteceu em frente ao Quartel às 18h com o hasteamento da bandeira e a formatura do Batalhão (AGUIAR JUNIOR, 2014, p. 121-122). O Jornal Diário Oficial efusivamente publicou sobre os eventos no Quartel:

Alcançou expressivo relevo social o programma das festividades levadas a effeito hontem, por iniciativa do commandante e officialidade do 25 BC em commemoração da organização dessa briosa unidade do Exército Brasileiro. [...] foi vencedor o 25 BC, ao qual coube a Taça offerecida pela firma J. Camillo & Cia. [...] A nossa Unidade Federal soube deste modo commemorar festivamente o seu aniversário de fundação, além de exaltar, mais uma vês, o valor e alta comprehensão dos deveres patrióticos. (DIÁRIO OFICIAL, 1938, p. 9).

De acordo com Nilsângela Cardoso, na década de 1930 do século XX, “as noites na Pedro II eram iluminadas pelo sistema de energia elétrica e eram animadas pelas bandas de música da Polícia Militar e do Exército, às quintas-feiras e aos domingos, [...]”.(LIMA, 2007).Essa dimensão no campo das sociabilidades construídas pelo Exército junto a população teresinense, tendo em vista o fato de a cidade ser pequena e relativas as formas de diversão, essa integração proporcionada pelo Exército mostrava a integração das forças armadas com a cidade e sua população.

Assim, eram executadas peças musicais. “Além de servir como lazer público, também era palco para alguns intelectuais da cidade trocarem ideias e sabedorias”. A Banda do 25º BC fazia-se presente nos mais diversos eventos da cidade, nos bailes dos Clubes principalmente do Clube dos Diários e no Clube do Botafogo.

Essa percepção também não escapou ao escritor Raimundo Moura Rego, que vivenciou e observou as retretas que as bandas da Polícia Militar e do Exército, o 25º BC realizavam no Coreto da Praça Pedro II, ao afirmar que “[...] as bandas musicais da Polícia e do Exército revezavam-se as quintas e domingos, à noite, nos coretos das praças Rio Branco e Pedro II. Ah! A poesia das retretas! Música a serviço da comunidade nas cidades pequenas [...]”. (REGO, 1988).

O Exército sempre esteve presente também nas competições esportivas de atletismo e futebolísticas da cidade. Pedro Vilarinho Castelo Branco atentou para a presença do Exército como uma força modeladora da sociedade e de seu comportamento, ainda no período da República Velha e na transição para o período do Estado Novo do Presidente Getúlio Vargas, o discurso racial e de higiene do corpo estava em voga.⁹

⁹ Sobre a militarização da sociedade e as questões de raça durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, Ver: (SIMOES; GOELLNER, 2012).

O espelho do comportamento saudável na sociedade era o 25º Batalhão de Caçadores. Segundo Pedro Vilarinho, as corridas *Raids* de disputa entre os soldados da Força Pública (Polícia) e os soldados do 25º BC, nos “[...] arrabaldes de Teresina, faziam com que a cidade ganhasse seus primeiros *sportmen*, jovens que eram reconhecidos pelo vigor, virilidade e destreza física” (CASTELO BRANCO, 2015). Essa preocupação com o corpo demonstrava que o projeto de um Exército reformado e atualizado era prioritário e o 25º BC demonstrava a aptidão de seus combatentes, sempre prontos para o combate.

O futebol também fazia parte da rotina do 25º BC. Um dos mais importantes times do Piauí, o Botafogo Futebol Clube, fundado no dia 30 de março de 1932, em Teresina, foi várias vezes campeão piauiense. Entre os fundadores, estava o Tenente José Vieira da Silva oficial do 25º BC. O mesmo tenente José Vieira (Zé Vieira) foi árbitro na primeira rodada de futebol noturno no Piauí. Sendo considerado um dos primeiros árbitros do Piauí. (Disponível em: <http://sitedobuim.blogspot.com.br/p/aconteceu.html>. Acesso em: 11 jan. 2018)

No próprio Campo de Futebol do Batalhão de Caçadores eram disputadas várias partidas da Liga Piauiense de Esportes Terrestres. O Botafogo, que tinha grande proximidade com o 25º BC, sagrou-se campeão piauiense em onze oportunidades: 1934/1935/1936/1937/1938 (penta); 1940/1941 (bi); o primeiro campeonato pela Liga Teresinense de Esportes Terrestres; e o outro pela Federação Piauiense de Futebol; 1945/1946 (bi), 1949 e 1957, também pela Federação Piauiense de Futebol (Disponível em: <http://sitedobuim.blogspot.com.br/p/aconteceu.html>. Acesso em: 11 jan. 2018).

O próprio 25º BC tinha o seu time: o Militar Sport Club, este originalmente, havia sido fundado por praças do 44º Batalhão de Caçadores, posteriormente 25º BC, pelo Sargento João Martins de Moraes (BASTOS, 1994). O Clube disputou o Campeonato Piauiense até 1934 e depois encerrou suas atividades.

4. CONCLUSÃO

A presença do 25º Batalhão de caçadores agregou em essência novos hábitos e costumes junto a sociedade teresinense, ajudou a construir novas sociabilidades, estabelecer novos valores e democratizar o acesso ao esporte e ao futebol, por exemplo, participando de todas as festividades cívicas e memorialísticas da cidade.

Nos anos seguintes o 25º Batalhão de Caçadores começou a viver intensamente os momentos marcantes da história nacional, com a presença da Coluna Prestes no Piauí, em

1925, ao atuar durante o movimento “revolucionário” de 1930, na rebelião do Cabo Amador, em 1931; ao tomar participação na rebelião do Movimento Constitucionalista de 1932, em São Paulo; ao marcar presença na Intentona Comunista de 1935; ao participar da expedição militar à Amazônia em 1932 e 1933; na construção e manutenção do Estado Novo do Presidente Vargas de 1937 a 1945; e ao enviar efetivos para a FEB Força Expedicionária Brasileira, durante a Segunda Guerra Mundial, para atuarem nos campos de batalha da Itália.

Em 1925 teria uma das primeiras experiências de combate no contexto do novo Quartel e da própria unidade, fora a defesa de Teresina contra a Coluna Prestes. Sua participação foi de grande importância, pois inseriu o Piauí no contexto do movimento político nacional, e, para além disso, levou seus soldados do Batalhão a percorrer longas distâncias em perseguição aos revoltosos.

De igual forma em 1930 durante o processo que pôs fim a República Velha, e em 1932, quando os paulistas desencadearam o movimento constitucionalista. O presidente Getúlio Vargas enviou forças federais para debelar e invadir o estado de São Paulo que se encontrava rebelado e em armas, lá estavam as tropas de 25º BC. Em 1935, quando a Aliança Nacional Libertadora, projetou uma revolução em 1935 que fracassou, o Piauí e o 25º BC também estavam capturados.

Finalmente quando enviaram os contingentes de homens para compor a Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial, eles protagonizariam como atores ativos uma história viva de sofrimento e alegria, que seria para sempre eternizada na memória dos que viveram para conta-la dentro e fora dos muros do 25º Batalhão de Caçadores.

Referências

Fontes:

BRASIL, Decreto 13916 de 11/12/1919. **Coleção de Leis do Brasil**. 31/12/1919. Disponível em:

<<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=130163&norma=151839>>
Acesso em: 25 maio 2017.

BRASIL, **Relatório do Ministério dos Negócios da Guerra do ano de 1916**. apresentado ao presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1917.

BRASIL, **Relatório do Ministério dos Negócios da Guerra do ano de 1917**. apresentado ao presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1918.

BRASIL. **Relatório do Ministério dos Negócios da Guerra do ano de 1920, apresentado ao presidente da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1921

BRASIL, **Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Dr. João Pandiá Calógeras, Ministro de Estado da Guerra**. Em outubro de 1922. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1923

DIÁRIO OFICIAL, **25º Batalhão de Caçadores: como decorreram as solenidades do seu aniversário de fundação**. Teresina, ano VIII, n. 1, 3 jan. 1938

DIÁRIO DO PIAUHY, Teresina, 1914

Disponível em: <http://acervoatitofilho1.blogspot.com.br/2010/12/ex%C3%A9rcito.html>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Disponível em: <http://sitedobuim.blogspot.com.br/p/aconteceu.html>. Acesso em: 11 jan. 2018).

Disponível em: http://www.raimundofloriano.com.br/views/Comentar_Post/na-caserna-no-25-batalhao-de-cacadores-gPfQtICNbdm0xrmoPzdA. Acesso em: 8 dez. 2017.

REVISTA **O Malho**, “O malho” na capital do Piauí. 15 de dezembro de 1923. BN.

REVISTA **A Renascença**, setembro de 1922. APEP.

Bibliografia:

AGUIAR JUNIOR, José de Arimateia Freitas. **Festas, hinos e marchas: constituição do patriotismo e o serviço militar no Piauí**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí UFPI, Teresina: UFPI, 2014

ALSINA JÚNIOR, João Paulo Soares. **Rio-Branco, grande estratégia e o poder naval**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

ARAÚJO, Johny Santana de. **Bravos do Piauí! Orgulhai-vos: a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai 1865-1866**. Teresina: Edufpi, 2015.

ARAÚJO, Johny Santana de. **Rumo ao mar e a grande guerra: O poder naval brasileiro no início do século XX, 1904 - 1918**. 1ª. ed. Teresina: EDUFPI, 2012

BARBOSA, Elisângela. **Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social Instituto de História, Universidade Federal Fluminense UFF, Niterói, 2010

BARROSO, Gustavo, RODRIGUES, J. Wash, **Uniformes do Exército Brasileiro, 1730 - 1922**, Paris: Ferroud, 1922.

BASTOS, Claudio de Albuquerque. **Dicionário histórico e geográfico do Estado do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

BASTOS FILHO, Jayme de Araújo. **A Missão Militar Francesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1994.

CALOGERAS, João Pandia. **Problemas de Administração**: Relatório confidencial apresentado em 1918 ao Conselheiro Francisco Rodrigues Alves sobre a situação orçamentaria e administrativa do Brasil 2ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

CASTELO BRANCO FILHO, Moisés. **Piauí na História Militar do Brasil 1759-1984**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1984.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. A cultura física, os afetos patrióticos e a construção de novos padrões de masculinidades: Teresina - 1900-1930. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho (Org.). **Cultura, corpo e educação**: diálogos de gênero. São Paulo: Intermeios; Teresina: Edufpi, 2015.

DARÓZ, Carlos. **O Brasil na Primeira Guerra Mundial**: a longa travessia. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. A política platina do Barão do Rio Branco. **Rev. bras. polít. int.**, Brasília, v. 43, n. 2, p. 130-149, dez. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292000000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292000000200006>.

LE GOFF, Jacques, **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. Memória-História. In **Enciclopédia Einaudi**. Verbetes “História”, “Memória”, “Documento/Monumento”. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. v.1.

LEIRNER, P. de C. **Meia-volta, volver**: um estudo antropológico sobre a hierarquia militar. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1995.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **Invisíveis Asas das Ondas ZYQ-3**: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962). Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. UFPI. Teresina: UFPI, 2007.

MALAN, Alfredo Souto. **Missão militar francesa de instrução junto ao Exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1988.

MARTINS, Hélio Leôncio. A participação da Marinha do Brasil na Primeira Guerra. In: **História Naval brasileira**. Rio de Janeiro: SDM, 1997. t. IB, vol. V.

MOREIRA, Amanda Cavalcante. **Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do

Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016

REGO, Raimundo Moura. **Teresina no meu tempo**. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1988).

ROSS, Steven T., **From Flintlock to Rifle: Infantry Tactics, 1740-1866**, Abingdon: Taylor & Francis, 1996.

SÁ FILHO, B. P. de. **Cartografias do prazer: boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006. p. 82.

SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação do corpo para o “soldado integral”, “forte de físico, culto de cérebro e grande de alma”. **Motriz: rev. educ. fis.**, Rio Claro, v. 18, n. 2, p. 327-337, jun. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742012000200013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-65742012000200013>.

McCANN, Frank. **Soldados da Pátria: história do Exército Brasileiro (1888-1937)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. **O Brasil e a Primeira Guerra Mundial: a diplomacia brasileira e as grandes potências**. Rio de Janeiro: Editora do IHGB, 1990.

Recebido em 26 de outubro de 2019

Aprovado em 15 de fevereiro de 2020